



Figura 08. **Parada da Maré.** Projeto Ruínas Fratelli Vita. Dimensões variáveis. (Catraia, escombros e sal grosso) Fotografias: Milli Genestreti. 2006

Desse ponto de vista, o processo criativo também envolve uma constante oscilação entre a realização das ações artísticas, seus desdobramentos, consulta a textos, conversas com obras de outros artistas e suas reflexões. Essas interlocuções surgem na medida em que são acionadas, proporcionando encontros e deslocamentos “às vezes impossíveis” dos mais variados, motivando-me a instituir novas abordagens para uma melhor compreensão do objeto de pesquisa. Visualizo a idéia de mobilidade e inconstância na instalação **Anatomia del Desastre** (2000) de Kcho, formada por 22 mil garrafas de vidro (fig. 09). O espaço marinho mostrado pelo artista me remete às adversidades das travessias em alto mar, às incertezas, destinos e renúncias do ser migrante. As referências das artes contemporâneas, reais ou virtuais, portanto, são estimulantes na medida em que provocam questionamentos ou reconfiguram a prática artística, seja através da expressão plástica, do conceito ou método processual.



Figura 09. **Anatomia del Desastre**
Kcho, 7ª Bienal Havana, Cuba. Técnica mista. Dimensões variáveis. 2000
Fonte: www.universes-in-niverse.de. Acesso: 18/abril/2008

O mar de garrafas de Kcho me transporta para outro mar: o **Marulho** (fig.10) de Cildo Meireles (1948). A obra constituída por um píer de madeira, se projeta no meio de uma sala cujo piso, é coberto por centenas de livros, para formar o próprio espaço aquático. Os livros estão abertos, mostrando fotografias coloridas do mar de diversos lugares do mundo, e que arrumadas lado a lado, preenchem todo o chão da sala expositiva. A instalação é complementada ainda, com uma edição sonora que repete a palavra “água” em 80 idiomas. O cais do **Marulho**, mais que um lugar para

contemplação, aponta para um espaço de passagem e de reflexão; a obra, ao confluir para todos os mares nos conecta ao planeta. A ponte como contato universal aparece em ambas as instalações, de Kcho e Meireles, “trazem memórias de cais afastados e doutros momentos” de Fernando Pessoa (1972, p.207), e a expectativa de transformações infinitas. Conta histórias passadas, futuras e circunavega o mundo contemporâneo nos levando há múltiplos lugares e tempos. Os espaço/tempos poéticos criados por esses artistas, incorporam o espectador convidando-o a uma nova travessia.



Figura 10 - **Marulho** - Cildo Meireles.
Instalação. Dimensões variáveis. (Madeira, papel, som). Estação Pinacoteca, SP 1997.
Fonte: artebrasileira2009.blogspot.com/2009/08/grupo...

Inserções em Circuitos Ideológicos (1970) é o título de outro trabalho de Cildo Meireles, formado pelos projetos **Coca Cola e Cédulas** (1970), feitos no período em que o artista passou a trabalhar com questões políticas. **Inserções** surgiu em forma de texto, apresentado em um debate (Perspectiva para uma Arte Brasileira) promovido pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A ideia de **Inserções** foi isolar e fixar a noção de circuito nas artes, garantindo e confrontando questões como “o lugar do trabalho de arte, a escala, a autoria e a natureza desse próprio espaço” (MEIRELES 2001/2002, p. 56). Os projetos **Coca Cola e Cédulas**, desdobramentos do texto, foram introduzidos na sociedade de uma maneira anônima e subversiva, que permitiu disseminar o pensamento do artista dentro de um contexto específico, o da ditadura militar vivido pelo Brasil. Os projetos, pensados como um gesto artístico, transcenderam argumentos panfletários e políticos, funcionando como documentos de uma ação, ao assumirem a função de fazer circular ideias políticas. Inserida numa rede relacional entre arte e os meios de comunicação da sociedade, o circuito enquanto ação só foi instaurado quando entrou em contato com o outro. O fluxo coletivo e transformador fez do mundo real uma via expressa para divulgar informações e abordar questões da arte, como autoria e anonimato. **Inserções** também indicou uma mudança de direção dentro da história da arte, por referenciar e questionar o *ready-made* (quando o objeto do cotidiano é introduzido no sistema das artes). Diz o autor: “Buscava permitir que uma ação absolutamente singular, solitária e específica, pudesse operar numa escala muito grande, industrial e/ou institucional” (MEIRELES 2001/2002, p. 56). Os *ready-made* são objetos simbólicos e representativos para Cildo Meireles, sendo essa discussão importante para atualizar pensamentos e tendências da arte, abrindo, também, outra vertente de ideias para promover e avançar sobre o tema.

Utilizo ainda, palavras do próprio artista explicando a concepção das obras “[...] surgiram também da constatação de duas práticas mais ou menos usuais. As correntes de santos e as garrafas de naufragos jogadas ao mar. Essas práticas trazem implícita a noção do meio circulante, noção que se cristaliza nas embalagens de retorno [...]” (2006). A estética apresentada por Meireles estabeleceu um jogo poético através de ações circunstanciais, expansivas, de autoria desconhecida para o fruidor. O curso das mensagens transmitidas anonimamente aborda um dos objetivos desta dissertação: divulgar ideias pelo mundo a partir de uma vontade poética e de um gesto particular.

Depois de conjeturar sobre esses dois artistas, Kcho e Meireles, significativos para esta pesquisa, resgato mais uma experiência estética prévia ao ingresso no Mestrado.

Foi o hábito de caminhar diariamente na praia da Barra, que me fez observar a enorme quantidade de lixo plástico encontrado na areia. Interligando arte e vida, criei alguns trabalhos com esses “lixos” que marcaram uma determinada época da minha trajetória artística.

O Farol da Barra sinaliza a entrada das águas oceânicas na Baía de Todos os Santos, o que me impulsionou a falar poeticamente do ritmo das correntezas, do fluxo e refluxo das ondas que se quebram e se renovam num eterno devir. Nesse espaço líquido, os objetos plásticos flutuam e são depois empurrados pelo vento ou pelas correntezas até as praias, onde os recolho. Refletindo sobre esta ação, tracei um paralelo entre arte e meio ambiente, para mencionar mais duas exposições que realizei inspirada nos objetos achados. Em ambas, os elementos coletados aparecem como um potencial inspirador, convertendo-se num símbolo ativo, que revela fragmentos da nossa história e do nosso tempo.

A primeira, uma exposição coletiva apresentada na Galeria Cañizares, EBA/UFBA em 2007, resultado da disciplina do Mestrado, Laboratório de Investigação Tridimensional, ministrada pelos professores Juarez Paraíso e Alberto Olivieri. A segunda, uma individual realizada na galeria do Museu Náutico da Bahia - Farol da Barra em 2008, resultado do edital da Fundação Cultural do Estado da Bahia - Portas Abertas para as Artes Visuais 2007/1. A instalação, intitulada **O mar cospe** (fig.11), foi constituída por fotografias e objetos, organizados como indicadores do cotidiano descartável do homem, numa tentativa de refletir nossa cultura de consumo. Em **Devolvido pelo mar** (fig.12), a montagem seqüenciada dos elementos dispostos, remete a pequenas informações colhidas ao acaso, resignificando espaços, tempos e memórias da própria matéria em circulação pelo mundo.



Figura 11. **O mar Cospe**. Instalação. Dimensões variáveis (Fotografia e plásticos) Galeria Cañizares. 2007
Fotografia: Fábio Gatti



Figura 12. **Devolvido pelo mar**, Dimensões variáveis, (plástico e papel) Museu Náutico da Bahia. 2008
Fotografia: Fábio Gatti

Para criar uma relação entre as poéticas visuais contemporâneas e questões ambientais, busquei algumas referências na primeira edição da Bienal do Fim do Mundo, Ushuaia, Argentina, 2007. Com o tema ***Circularidad del tiempo y sus metáforas: Urgencias Ecológicas, Topografías Urbanas y ¿Que outro mundo es posible?***, o evento, implantado fora dos circuitos tradicionais de arte, foi marcado por um viés ecológico e político, tirando partido do limite geográfico do planeta, o continente antártico.

Estamos plantados no olho do furacão e aqui se sente mais do que outro lugar, os efeitos devastadores das mazelas de todos os países. Recentemente a Antártida registrou 15 graus positivos. Isso é uma aberração. Alguns artistas estão traduzindo sua indignação por meio de trabalhos que são quase manifestos. (AMARANTE, 2007⁵).

A maioria dos artistas participantes da Bienal enveredou por uma vertente em favor da natureza, construindo trabalhos específicos sobre o tema e o local. Com intervenções artísticas *in situ*, eles provocaram reflexões e interconexões entre a arte, as novas tecnologias e o meio ambiente. Para Leonor Amarante, curadora do evento, a questão é de interesse universal e discute diretamente o destino do ser humano diante das catástrofes ambientais, provocadas pela sociedade, com conseqüências para a própria sociedade.

Kcho participou dessa Bienal com a instalação ***Núcleos del Tiempo*** (2007), cuja proposta foi mobiliar a Casa Bebán na Argentina, com móveis suspensos por remos, deixando-os a mais de um metro de altura do chão (fig.13 e 14). O artista, imaginando um derretimento das geleiras, com o mar invadindo a terra por causa do aquecimento global, sugeriu um possível “salvamento” dos donos da casa. Seu olhar estético, portanto, em favor do meio ambiente foi norteada pelo contexto universal que vivemos. Leonor Amarante pensa a arte contemporânea como um agente transformador dessa realidade, como uma ação que vai à contramão do mundo globalizado, questionando o quanto o desequilíbrio ambiental atinge o mundo em todos os níveis.

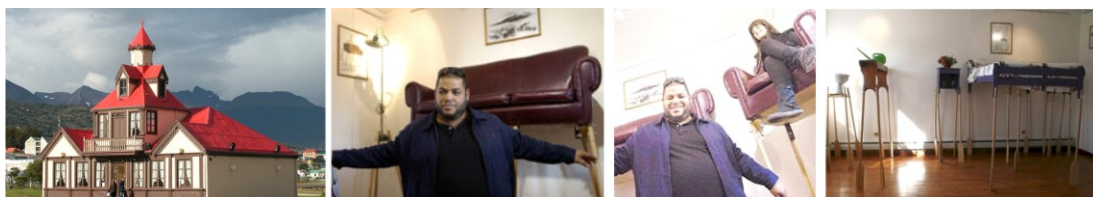


Figura 13. ***Núcleos del Tiempo*** - Kcho, Dimensões variáveis. 2007 www.antartidaargentina.wordpress.com/2006/09/

⁵ A citação foi retirada do site www.entretenimento.uol.com.br/29/ult4326u91.jhtm



Figura 14. **Núcleos del Tiempo**, Kcho. Dimensões variáveis. 2007
Fonte: salonkritik.net/kcho.jpg

Ainda referente ao tema ambientalista, menciono a Universidade Federal do Rio Grande (RS), cujo ensino abrange questões sócio-ecológico-ambientais nos campos não formais da educação. Com práticas sociais voltadas para seu sistema costeiro, promove a integração do homem com o meio ambiente, em todas as disciplinas ministradas. Alarga, portanto, sua fronteira ecológica de acordo com as exigências do mundo contemporâneo. Diante desses fatos, penso no nosso comprometimento com o planeta, e estabeleço relações entre o conceito da bienal do Fim do Mundo e proposta da Universidade do Rio Grande, pois, ambas demonstram o mesmo interesse: pensar e criar ações para proteger a natureza. Esclarecem ainda, que o problema ambiental não se localiza em um lugar específico, é universal e atinge a todos nós.

O mar, nesta pesquisa, fez aflorar enigmas de distâncias, aventuras e descobertas. Como ambiente de ação, veiculou mensagens, promoveu encontros e agenciou correspondências. Considero o ambiente marinho um espaço aberto de significados para a exploração artística, e me pergunto: de qual mar desejo falar?

Seria um mar específico? O mar da Baía de Todos os Santos? Ou o imaginário de um mar global, onde todos os mares são um só?

Nasci na Bahia, estado brasileiro com uma costa oceânica que se estende por 1.183km, sendo este litoral palco de grandes travessias desde a descoberta do Brasil. Salvador nasceu na Barra, onde em 1534 foi erguido o forte Vigia da Barra ou Forte Grande; para os navegantes antigos essa fortaleza representava o abrigo depois de uma longa e penosa viagem oceânica. O farol, construído e integrado ao forte da Barra no século XVII, orientava os navios, iluminando o acesso ao canal marítimo, responsabilidade esta que cumpre até os dias de hoje. O Forte de Santo Antônio da Barra e seu farol guardavam a cidade e impressionavam a todos pela sua imponência, alertando também aos que vinham dispostos a guerrear.

A cobiça pelas riquezas nas novas colônias fomentou inúmeras viagens, de tal modo que os mares foram circunavegados, transformados em rede de comunicação e comércio, pois na época das grandes navegações o mar era a única via entre os continentes. A promoção de negócios lucrativos, difusão de informações e aproximações entre os povos, aumentou o conhecimento e as possibilidades de um novo tempo e aspirações. As caravelas, naus e galeões saíam da Europa com destino ao porto de Salvador que, por sua localização estratégica, era o entreposto mais movimentado do Atlântico Sul. No Renascimento, a ciência foi em boa medida responsável pelos descobrimentos de outras margens; o mapa do mundo que conhecemos foi desenhado a partir dessas viagens ultramarinas, expandindo os horizontes e fazendo o homem, de fato, a medida de todas as coisas. Assim, percebo que a mudança das mentalidades decorre da ampliação dos horizontes, sempre acionadas por uma conjuntura de novas descobertas.

No século XIX, o pensamento da sociedade foi priorizado pela ciência em detrimento da religião, pela qual, na época, se explicava a realidade. Esse período foi marcado pela ciência positivista, corrente filosófica inspirada nas ciências da natureza; entretanto, mesmo havendo um progresso científico, as antigas superstições sobre o mar continuaram a ser cultivadas. Perigos reais ou imaginários alimentaram, e ainda sustentam, a visão romântica a respeito do mundo marinho. Em muitos lugares, essas crenças permanecem inalteráveis até os dias de hoje. As ciências marítimas, portanto, caminham lado a lado a lendas, mitos e o imaginário simbólico, como esclarece o sociólogo Antônio Carlos Diegues:

Por um largo período da história da humanidade, os oceanos não eram simplesmente uma realidade físico-biológica, eram povoados por seres humanos e não-humanos, por monstros e divindades. As populações humano-marítimas têm uma percepção complexa do meio-marinho e seus fenômenos naturais. De um lado, há um vasto conhecimento empírico adquirido pela observação continuada dos fenômenos físicos biológicos (ventos, marés...). De outro lado as explicações para tais fenômenos também passam pela representação simbólica e pelo imaginário dos povos do mar. (DIEGUES 2003, p.1).

O espaço marinho permite um livre trânsito, mas o acesso depende da imprevisibilidade física do tempo e do desenvolvimento das tecnologias de cada época. Como esclarece Diegues (2003, p.1) “na história passada da humanidade eram mais freqüentes os naufrágios que as chegadas felizes aos portos”. Os navios do século XV e XVI contavam com recursos tecnológicos ainda precários para se aventurar pelas novas rotas oceânicas e para escapar das instáveis condições de tempo. Os fatores climáticos provocaram inúmeros acidentes e, por conta disso, muitos desses navios encontram-se embaixo da água. Em paralelo à expansão das navegações, a prática da pirataria cresceu intensamente nesse período; os piratas pilhavam e afundavam embarcações para roubar a carga.

O intenso deslocamento de embarcações na América do Sul no período da colonização, as intempéries, batalhas e, conseqüentemente, os naufrágios, fizeram do mar de Salvador um lugar histórico e atualmente um sítio arqueológico submarino. Foi exatamente neste espaço, em alguns pontos no fundo da Baía de Todos os Santos, onde foram realizadas as minhas ações submarinas.

O mar exerce sobre nós uma forte atração. O desejo de conhecer e explorar este ambiente, de descobrir o novo, deve-se ao espírito aventureiro e a curiosidade própria do homem. Durante um extenso período, a história da humanidade e a história do mar têm sido contínuas e unidas entre si, pois o homem é um personagem recente nesse cenário antigo chamado planeta Terra, formado em sua maior parte por água. Os oceanos se formaram há milhões de anos atrás e a teoria mais aceita propõe que a vida se originou na água, no mar primitivo, onde se desenvolveram as primeiras moléculas orgânicas e complexas que deram origem às primeiras células. Temos então, todos nós, uma origem comum, pois nas águas salgadas é que surgiram as primeiras formas de vida.

Peixes, anfíbios, répteis, pássaros com sangue quente, mamíferos, cada um deles carrega em suas veias um fluido salino que combina o sódio, o potássio e o cálcio quase na mesma proporção que a água do mar. Esta herança remonta a milhões de anos, quando nossos ancestrais passaram

do estado unicelular ao pluricelular, elaborando um sistema circulatório, onde o líquido era constituído pela água do mar. (Carson *apud* DIEGUES 2003, p.3).

Dentro de um circuito de relações significativas sobre o alcance do mar em nossas vidas, os diálogos com teóricos, artistas e navegadores foram de fundamental importância para uma maior interação entre a arte e o mar. Colaboram também, para o entendimento particular desse mundo submerso, fatos determinantes para a construção desta narrativa visual. Mais do que informações, as interconexões entre diversas áreas do conhecimento provocaram reflexões que me fizeram considerar diferentes pontos de vista sobre o ambiente marítimo.

Posto assim, foram exploradas as potencialidades do mar como espaço para a navegação, dentro de um circuito artístico. Ainda que a investigação tenha um foco específico na arte, no universo sensível, existe um viés ambientalista que a circunda, não só pelo ambiente vivo, o mar, onde a obra está inserida, mas também, pelo interesse real nas questões do lugar que habito. O espaço marinho para mim, é também um lugar de sonho e liberdade; parafraseando Victor Hugo Guimarães Rodrigues (1999, p.346), um lugar para “despertar os sentidos através do olhar imaginário, a ponto de enunciar que o mundo é uma visão do sonhador”.

2. PLATAFORMA II



Figura 15. Mergulhadores trabalhando na instalação de poitas e bóias no viveiro de peixe.
Fotografia Subaquática: Pablo Koss. Panamá, 2008

2.1 AS AÇÕES

2.1.1 Ação1 *Cap Frio*

Para o desenvolvimento desta pesquisa criei uma metodologia específica, pensada a partir de um circuito de correspondência que se movimenta através de mensagens submarinas lançadas ao mar, as quais navegam em dois tipos de espaço: o mar, espaço real, e a internet, espaço virtual. Comecei a sistematizar as etapas para a realização da primeira ação artística, que se consistiu no envio de mensagens escritas, inseridas em garrafas, tendo como conteúdo o texto que segue:

Para quem encontrar essa mensagem... Esta garrafa faz parte de uma instalação submarina, ocorrida no dia 30 de março de 2008 às 10:17h (na parada da maré enchente). Foram amarradas com arame e presas a um naufrágio chamado Cap Frio, que está afundado na entrada da Baía de Todos os Santos. Elas devem desprender-se (pela força da correnteza/vazante no local, aliada à ferrugem do arame) para seguir numa travessia, mares afora, fazendo da trajetória o seu destino, que é chegar às suas mãos. Peço a você que encontrou uma dessas peças que me envie um e-mail, dizendo o local e a data em que a garrafa apareceu; se puder me forneça mais detalhes. Obrigado.

A quien encuentre este mensaje... Esta botella es parte de una instalación submarina realizada el día 30 de marzo de 2008, a las 10:17h de la mañana (en la parada de la marea creciente). Fueron atadas con alambres al naufragio llamado Cap Frio, que está hundido en la Bahía de Todos los Santos. En poco tiempo las botellas devén se desprender, enfrentando y atravesando los mares. Espero que las botellas hagan de su trayectoria su destino, que es llegar a sus manos, a través del mar. Solicito a quien encuentre este trabajo que me envíe un e-mail diciendo la fecha y el local donde la botella apareció. Gracias

For those who find this message...This bottle is part of an artwork, an installation/submarine action which

happened on March 30, 2008, at 11:00 am. (at the stopping of the out flowing tide). All the bottles were fixed to a shipwreck called Cap Frio, which is sunk at the entrance of the Bay of All Saints. The strength of the out flowing current in this location is very strong and, combined with the rustiness of the wire, will cause, in a short time, the release of the bottles, that should then face and cross the seas. I hope these bottles turn their trajectory in to their purpose, which is reaching into your hands, via sea. I kindly ask whoever finds this work to send me an e-mail saying the place where, the date when, the bottle appeared. Thank you. Salvador Bahia, Brasil. aguasdomundo@gmail.com

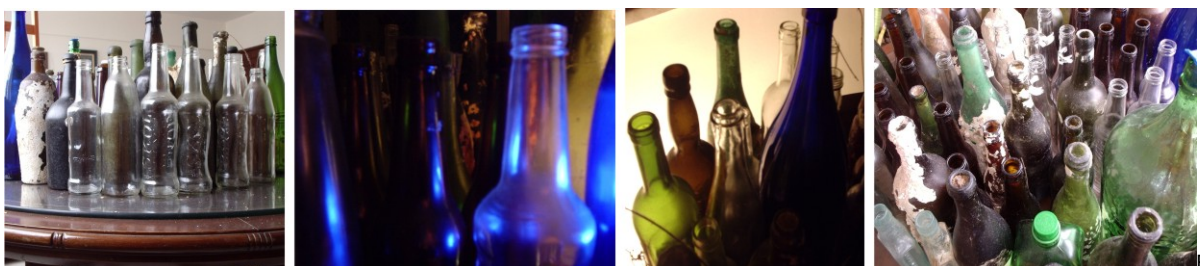


Figura 16. Parte da coleção de garrafas, 2006
Fotografia: Lica Moniz

Selecionei as garrafas que iriam ser usadas dentre as dezenas que coleciono há muitos anos, algumas recolhidas no fundo do mar e muitas delas, doadas por amigos. Optei pelas garrafas verdes, que, mesmo transparentes, velam de alguma forma o que transportam no seu interior. Translúcidas e escuras acredito que evocam o oculto e o mistério, imagens que o próprio fundo do mar já carrega. Os textos mencionados foram inseridos nas garrafas, tampadas com rolha de cortiça e amarradas com arame desgastado. Durante algum tempo o ato repetiu-se e, absorta nessa tarefa, refleti sobre a dinâmica do procedimento a realizar, relacionando-o com histórias de viagens oceânicas, com as minhas próprias travessias, lidando, ao mesmo tempo, com a incerteza da minha ação e seu destino. Para Salles (2006, p. 33) muitas vezes, as “interações são norteadas por tendência, rumos e desejos vagos”. Pensando na pesquisa em artes como um aberto de possibilidades, as preferências e referências pressupõem um agrupamento e distribuição de informações no sistema construtivo, criado pelo artista. Dessa forma, constatei que

só através do procedimento artístico, que é também um processo de conhecimento e descoberta, podemos planejar e acionar meios operantes para a materialização do nosso pensamento plástico.

Como recorte de estudo de campo submarino, escolhi alguns navios naufragados na Baía de Todos os Santos, adotando-os como pontos fixos de referência dentro do mar para realizar ações artísticas. Os naufrágios, pela alta carga semântica que carregam, tanto histórica como mítica, representam um enorme acervo submerso. Projetam também, uma imagem de força e descobertas sem precisar carregar nada de exótico, como ouro e jóias, para garantir o nosso interesse, pois já contêm em si, uma aura de mistério e aventura. Entretanto, esclareço que o meu interesse está no pós-naufrágio, na visão submarina do espaço que circunda o navio e na fantasia de encontrar coisas secretas e desconhecidas. As ações, por acontecerem em sítios arqueológicos e históricos - os naufrágios - chamam a atenção para esse manancial abrigado no fundo do mar. Sendo assim, espero provocar discussões sobre a necessidade e a urgência de investigações na área.

Focada no campo específico dos naufrágios, vi que as questões alcançariam uma complexidade maior do que a imaginada inicialmente, e para tanto precisei ampliar minha noção sobre sítios arqueológicos e cultura patrimonial, para tecer considerações a respeito do significado desse espaço e me aventurar a transformar o sítio em suporte artístico. Naturalmente, tinha consciência de que as ações vinculadas aos naufrágios atuariam na contramão dos conceitos de bens patrimoniais, pois meus interesses estéticos e os da ciência arqueológica se debateriam no âmbito dos naufrágios, indicando um sentido de conflito. A realização dessas ações provocou um esforço pessoal para o entendimento e a aceitação da atividade elaborada. Assim, na perspectiva de descobrir uma interconexão adequada para abordar esse tipo de questão, descobri a arqueologia, pensada como uma disciplina que transita por diversas áreas, e que enriqueceria esta pesquisa. Seu objeto de estudo é a cultural material, ou seja, tudo que é produzido e utilizado pelo homem e que vem impregnado pela presença de cultura imaterial (carga simbólica).

A cultura é tudo o que é criado, feito (desenvolvido, melhorado, modificado) pelo próprio homem, diferentemente do que fornece a natureza. Na cultura, está representada a qualidade fundamental do homem: sua capacidade de desenvolver a si mesmo, que torna possível a própria história da humanidade. (FUNARI 2006, p.36).

Meu interesse se voltou para a arqueologia subaquática, especificamente por abranger o estudo dos naufrágios e das áreas submersas. Por isso, procurei respaldo teórico no pensamento do arqueólogo Gilson Rambelli, especialista na área. Foi curioso pensar em como me sinto herdeira legítima desses sítios, talvez pelo hábito de mergulhar anos a fio nesses navios, no sentido territorial adquirido pela prática, me fazendo acreditar que esses naufrágios nos pertencem. As informações adquiridas no estudo da arqueologia elucidaram e expandiram meus conhecimentos sobre história, regulamentos e navegação, aprendendo também sobre leis patrimoniais e a importância do acervo cultural subaquático.

Para os especialistas da arqueologia marítima, todo naufrágio é considerado sítio arqueológico, esperando-se que chegue ao patamar de patrimônio cultural subaquático. Acompanhei de perto o esforço de Rambelli, para conscientizar alunos e sociedade sobre o valor histórico e arqueológico da Baía de Todos os Santos, que possui um importante acervo de navios naufragados, ainda não devidamente estudado.

A partir desses pressupostos próprios a sítios submersos referentes da situação, volto à ao processo artístico para considerar o trabalho constituído nessa etapa (fig.17 e 18).

O local escolhido para suporte da primeira ação foi o navio alemão *Cap Frio*. Trata-se do Cruzador *Bremen* que naufragou em 31 de agosto de 1908, devido a um temporal, nos rochedos situados em frente ao Farol da Barra (fig.17). Houve tempo para o salvamento dos passageiros e tripulação, como também para a recuperação da carga. O *Cap Frio* é um dos navios afundados mais visitados pelos praticantes de caça submarina em Salvador, devido ao fácil acesso e à curta distância da praia do Farol da Barra. O naufrágio ocupa uma área submarina de aproximadamente 70m², composta de chapas e canos de ferro retorcidos, além de caldeiras. Encontra-se a uma profundidade média entre 12 e 18 metros e localiza-se numa área onde a força das correntezas é intensa; então, por conta disso, a ação artística foi programada para ser realizada na parada da maré. Data e hora acertadas, tripulação e equipamentos a bordo, zarpamos sentido ao Farol da Barra, trajeto curto e tranquilo numa manhã chuvosa do dia 30 de março de 2008. Com o barco ancorado no local, entrei na água e comecei a receber as garrafas para iniciar o mergulho.



Figura 17. Processo ação_01 naufrágio *Cap Frio*, 2008
Fotografia: Fábio Gatti.

Como a profundidade não passava dos 12 metros, foi possível fazer várias descidas sem risco técnico (fig.18). As garrafas foram amarradas com facilidade nas ferragens do navio, num procedimento rápido e tranqüilo. Na segunda vez que mergulhei, a imagem criada pelas garrafas começou a se configurar, pois já conseguia visualizar o primeiro grupo preso no naufrágio, algo semelhante a algas de vidro, tilintando e movimentando-se suavemente. A cada volta para o fundo, crescia meu encantamento, pois as garrafas cheias de ar flutuavam, produzindo um som sibilante quando se chocavam. A “música” tornou-se a grande surpresa da ação. Dessa forma, encarei a imensidão do mar e suas possibilidades imaginativas, comprovando que as “imagens são formadas a partir de experiências do sonho e das experiências da vida” (Bachelard *apud* BARBOSA 1996, p.28). Percebi que a construção inventiva, quando inserida na natureza, se potencializa e multiplica, pois, nesse ambiente o individuo é testado e vive um embate, o meio ambiente coloca em xeque nossa força humana. Ainda para Bachelard (2002, p.172), “o salto no desconhecido é um salto na água [...] o salto no mar, reaviva mais que qualquer outro acontecimento físico”.

Apesar de toda a preparação e avaliações feitas ainda no atelier, o trabalho realmente só se manifestou no momento de sua instalação. Para se refletir sobre uma obra, portanto, é preciso enxergar o instante de sua instauração, sua composição e disposição no espaço; momento em que surgem outros questionamentos, possibilidades criativas e interpretações diversificadas. Quando essas demandas vieram à tona, mais do que uma obra instaurada, veio à sensação de ter criado algo novo dentro da minha poética.